Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial

Chronica Judicial, Artistica,

REVISTA UNIVERSAL.

e Economica de todo o mundo.

N.° 3.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 14 de Outubro de 1841.

A Redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Trigo Imperial

PORTUGAL.

47 O primeiro que entre nós obteve semente do trigo, hoje chamado IMPERIAL, foi o Snr. Francisco de Paula Vaz Velho, rico proprietario, instruido, e curioso lavrador, e um dos melhores amigos da publica utilidade.

Estreou-o, ha poucos annos, nas suas fazendas do Algarve; e vendo que ás esperanças, e ainda aos desejos, respondia, superabundantemente, a colheita, e que o pão do seu trigo excedia em bondade ao de todos os outros; entendeu, ao revez da doutrina, e pratica de muita gente, que, pois que para todos podia ser a coisa vantajosa, razão era que se espalhasse; e assim o fez. Para o Imperio do Brazil, cujo é cidadão, remetteu as primicias da sua nova ceifa, que o Snr. D. Pedro 2.° officialmente agradeceu, e officialmente derramou para sementes, pelas dilatadas provincias dos seus Estados; d'onde a tal grão proveio, posto pelo Snr. Vaz Velho, o nome de IMPERIAL.

N'este reino porém, pouquissimas pessoas o conhecem, e menos ainda são as que o já cultivão; sendo que a todos os lavradores conviria possuil-o, e a todos os não lavradores, que se tornasse vulgarissimo.

Do Snr. Vaz Velho, o receberam alguns seus amigos; e dois ou tres, que n'esta provincia da Estremadura, o experimentaram, (um d'elles em uma quinta junto a Quéluz) sabem já por experiencia, o quão preciosa cultura seja esta.

Na chamada *Quinta Nova do Miranda*, junto ao logar da Charneca, a uma legua de Lisboa, forão, pelo pai de quem isto escreve, semeados alguns d'estes grãos, presente do mesmo Snr. Vaz Velho, e produsiram admiravelmente; como poderão testemunhar, todos os que por seus olhos desejarem de certificar-se, pedindo no escriptorio d'esta Redacção se lhes deixe ver a amostra do TRIGO IMPERIAL, que já para isso mesmo foi dada pelo dono da mesma Quinta.

A Redacção diligenceia, e espera obter maior porção, a fim de poder liberalizal-a pelos que desejem começar com tal cultivo; e assim como a houver, fará publico annun-

cio por este jornal, para que os desejosos se apressem, e se aproveitem.

E' o Trigo Imperial d'estatura, e portamento ufano, espiga longa, corpolenta, fornida, e por seu peso mui pendente; o grão excede, duas, ou tres vezes, ao dos trigos communs; dá uma farinha amarella, e mui gostosa, de que se faz optimo pão, com a singularidade, segundo nos affirmão, de se conservar tenro por espaço de tres dias.

R. F. V.

Milho gigante.

PORTUGAL.

48 O milho, que n'esta nossa Estremadura, e até ao ultimo sul do Reino, é muito menos alimento do que o trigo, é quasi o unico pão em todas as nossas provincias do norte; isto bastára para que a sua cultura se tornasse crédora dos maiores desvelos. Mas este oiro vegetal, que a America deu á Europa, e mais precioso, e mais innocente que o das minas, não só acode ao lavrador, renovando-lhe como alimento as fôrças, de que elle e sua familia necessitão para luctar com a bruteza da terra, senão que sustenta ricamente aos animaes, de que o seu cazal se povôa, se nutre, e se ajuda no grangeio da Agricultura. E mais do que pão e pasto poderá ainda vir a ser o milho, se devéras se quizer extrahir algum dia o assucar de sua cana. Isto posto, e assentado por todos, que o milho usual, chamado pelos Botanicos, *trigo das Hespanhas*, é já uma grandissima riqueza, que nome não deveremos pedir para o Milho Gigante, que tanto excede ao commum, como ás arvorêtas mais humildes a arvore mais alterosa? Semeado basto e para verde, tres de suas folhudas canas, que muitas vezes vingão de 20 a 24 palmos de altura, banquetêão opíparamente o vosso boi, ou o vosso cavallo, para todo um dia; semeado raro, a distancia de palmo, e para pão, cada pé offerece tres ou quatro espigas (termo médio tres); cada espiga vos dá de 400 a 500 grãos; cada grão, do tamanho de uma pequena fava, se vos desentranha em bella farinha agradavel no gosto, e em particulas nutritivas copiosa. Do mesmo Snr. Vaz Velho, de quem acima fizemos menção, obteve o author d'este artigo 400 grãos, os quaes semeados na sobredita *Quinta Nova do Miranda*, mas em terreno demasiadamente estrumado, produziram com tudo alqueire e meio. Quem desejar ver a amostra das espigas alli criadas pode recorrer ao Escriprio da Redacção d'esta folha, onde, não para alarde mas para incentivo, estão patentes, posto que sejão das minimas de tal especie.

A Redacção diligenceia igualmente adquirir sementes d'estas para as repartir.

R. F. V.

Leite

49 Para conservar o leite que não atrame, aconselhão que nos calores fortes do verão, ou quando os ares andão bruscos, se misture em cada meia canada d'elle, oitava e meia a duas oitavas de bi-carbonato de soda; porque esta substancia neutraliza o principio que no leite se desenvolve para o azedar.

Mais se faz ainda com o bi-carbonato de soda: vai-se melhorar o leite dentro nos proprios peitos das mães, ou amas. Quando a criança não pode digerir, e vomita o que mama, por ser muito acido, o que frequentes vezes acontece nas cidades, quando as mães que amamentão não querem, ou não podem, sequestrar-se do grande reboliço dos divertimentos, o modo d'emendar o mal é sugeitar-se a mãe, a tomar de uma a duas outavas da dita droga por dia. O filho medrará, e ella mesma passará phisicamente melhor, sem fallar no duplice gosto, que lhe hade provir da consciencia de um dever preenchido, e de se considerar como tres vezes mãe do formoso objecto de todos seus amores.

Quanto á dóse do remedio, a experiencia, na falta de médico, lhe irá ensinando a diminuil-a á proporção que diminua a necessidade d'elle.

Já que fallámos de tão interessante assumpto, e tão geral, como é a aleitação, apontemos um costume mui corrente entre as amas na Dinamarca, e Suecia, e que surte o melhor effeito. Usão estas de beber sempre que têem sede, e muitas vezes sem ella, cerveja misturada com igual porção de leite: as crianças, e ellas, engordão igualmente; adquirem forças, e conservão boa saude. Tentado com prudencia nenhum mal pode causar.

* *

Banhos, e em especial de Vapor.

LISBOA.

50 Tão antigo é o uso dos banhos que nenhuma historia lhe aponta a origem. De crer é, que, pela necessidade da limpeza, começarião com o mundo. Talvez os que chamâmos irracionaes, e que tantas coisas nos ensinaram, suggerissem ao homem a primeira idéa de

se banhar. O certo é, que um grande numero de animaes se banha; e alguns não só pelas calmas do verão, mas até nos desabrimentos do inverno: taes, como os pombos, e os canários.

O que, ao certo, podêmos inferir da historia, é, que todos os povos da Antiguidade, houveram os banhos por geral costume, assim á conta de conservar a saude, como para desenvolver as forças, physicas, e intellectuaes.

Os governos antigos, porque muito curavão da creação da mocidade, que é a força, e esperança, dos estados, a fim de a envidar a banhar-se com frequencia, por toda a parte lhe abriram apparatosos lavacros, em que o luxo e pompa sobredoiravão o mais extremado aceio.

Em Athenas, os Archontes, magistrados principaes, os tinhão a seu cargo; em Roma, os mais distinctos dos Patricios, incumbindo aos Edís o regular a temperatura das estufas, em que os banhos de vapor se íão tomar. Por onde se vê, que não só os frios, e mornos, mas até os de vapor, erão já havidos por prestadíos, e praticados.

Forão estes entre os gregos, e por largo tempo, envoltos em misterio, antes de serem pelos medicos empregados para remedio. Muitos enfermos, que em suas molestias imploravão as Divindades, só obtinhão um Oráculo propicio, depois que em banhos de vapor se purificavão. Os medicos, observando então os bons effeitos d'aquella pratica, lançaram mão d'ella, e fizeram com este remedio maiores milagres, que todos os Oráculos até alli conhecidos.

Tão admiraveis erão as curas operadas, por banhos de vapor, que, segundo Plinio, por muitos seculos se não usou em Roma de outra medicina. Não obstante o grande benificio, que a humanidade tirava d'estes banhos, com o andar do tempo, vierão as guerras, assoladoras de tudo bom, e os fizeram cahir em quasi completo olvido.

O seculo presente, cujo talante é regenerar, em tudo, que ser pode, as bellezas da Antiguidade, a pár dos aperfeiçoamentos, e da indagação para descobrimentos novos, promoveu, e adiantou com preciosos incrementos, os banhos de vapor, que em todas as cidades grandes da Europa se estão hoje vendo adoptados pelos mais insignes professores da medicina.

Varias, e não poucas, machinas se requerem para a formação de taes estabelecimentos; mas o especifical-as, e descrevel-as, fôra trabalho tedioso, sobre escusado; não é para aqui.

Daremos todavia uma idéa succinta, do que um tal banho seja. Arabes, Egypcios, Gregos, e Romanos, só usavão d'estufas para os tomar: é a estufa um quarto bem fechado, que tem, por baixo do pavimento, uma proporcionada fornalha, para o esquentar.

Dentro n'este quarto se desenvolve o vapor, mergulhando em um vaso d'agua, ferros, ou outros corpos em brasa; ou derramando a mesma agua sobre uma chapa de ferro ou cobre, com que está coberto um buraco do pavimento, que dá sobre a fornalha; a qual chapa, como está affogueada, logo resolve aquella agua em vapores, que involvendo o enfermo lhe servem de banho. Na Russia é este ainda hoje o methodo mais vulgar.

Os médicos francezes modernos têem feito nas estufas utilissimos aperfeiçoamentos: 1.º, o calor, e o vapor, não são desenvolvidos no logar da estufa, mas fóra, e trazidos a ella por conductores adequados; 2.º, aquentão a estufa gradualmente, podendo-se, a cada instante, avaliar o gráo de temperatura, a que o corpo se acha exposto; 3.º, moderão á vontade, o calor, ou o augmentão até ao ponto, que se quer.

Não obstante estes melhoramentos, já consideraveis, grandes medicos, trabalhando em aperfeiçoar o methodo de administrar os vapores, por modo que reunissem o maior numero de vantagens possivel, inventaram um tal feitio de caixas, que a pessoa tendo a cabeça de fóra e respirando o ar livre, (o que nas estufas não succede) em todo o demais do corpo está recebendo copiosamente o seu banho. N'esta caixa se administrão banhos geraes, e parciaes, seccos (estufa propriamente dita), humidos, simplices, e compostos; podendo-se metter, na composição dos vapores, a maior parte dos medicamentos, que aliás se tomão pela boca, fazendo-os penetrar em todo o corpo, ou parte d'elle, por absorpção. D'este methodo, sábiamente dirigido, resulta o obteram-se curas inesperadas em um grande numero de molestias.

Nos paizes estrangeiros, principalmente para o norte, faz-se grande uso de banhos de vapor, como meio hygienico, proprio para alimpar o corpo, e dar saída aos humores crassos, que obstruem os póros da pelle, tolhem a transpiração insensivel, e occasionão varias enfermidades.

No inverno é que estes banhos na Russia são mais frequentados, onde tambem é pratica, em sahindo d'elles, esfregar logo o corpo com uma pouca de néve; as pessoas ordinarias do povo, sahem para se irem espojar pelo gelo, e não lhes succede mal algum. Pelo

contrário, assim temprão a fibra, para melhor resistir á crueza do seu clima.

Em alguns estabelecimentos de França, costuma-se refrescar, a miudo, a cabeça com agua fria, durante o banho de vapôr na estufa: subtrahindo-se, por este meio, o excesso de calor na cabeça, se evita uma congestão no cérebro, que, aliás, poderia acontecer. Tambem alli costuma haver uma torneira d'agua fria, para refrescar o corpo durante o banho, ou immediatamente depois, como que arremedando a usança dos Russos.

A observação tem ensinado que depois do banho de vapor, quando só por limpeza ou hygiene se tomou, convem muito comer logo, e fazer exercicio.

Agora temos a satisfação de annunciar a nossos leitores, que tambem já possuimos, aqui em Lisboa, um estabelecimento d'este genero; e em tal ponto de aceio e de perfeição a todos os respeitos, que nada mais se pode desejar, senão que prospére e dure sempre para publico proveito de uma cidade tão populosa. E' na rua do Princepe n.º 32, 1.º andar. Convidados dos muitos louvores, que lhe ouvíramos tributar, mormente por medicos, e desejosos de presenciar coisa portugueza, que estrangeiros, e até inglezes, confessavão não ser em suas patrias excedida, procurámos, antes de escrever este artigo, certificarmo-nos por nós mesmos da realidade, e comprazemo-nos de declarar que não fôra d'esta vez lisongeira a fama. Não era possivel reunir mais em tão pequeno espaço; por entre o preluxo aceio, que respira, assim no todo, como em cada uma das minimas partes, vós ahi encontrareis, por entre todos os cómmodos possiveis, toda a diversidade imaginavel de banhos hygienicos, aromaticos, emollientes, calmantes, gelatinosos, sulphureos ou caldas, de bomba, de chuva, e de vapôr, fumigações sulphureas, e de quaesquer outras substancias. Tanto os banhos d'agua, como os de vapôr, e fumigações, são compostos com medicamentos apropriados ás diversas molestias, conforme aos principios da medicina e ás observações, que d'este méthodo se tem colligido nos paizes estrangeiros.

Apezar de ser tão moderno este estabelecimento, já n'elle tem encontrado a saude alguns doentes, que havião perdido a esperança de jámais a recobrar.

Na occasião da nossa visita, nos communicou o director d'este estabelecimento varias observações, que por interessantes importa vulgarisar. Disse-nos elle que a sua propria experiencia lhe havia já mostrado, que as molestias de pelle, em géral, não resistem ao methodo vaporatorio e fumigatorio; que alguns casos de sciática, que allí se tem apresentado, tem sido utilmente combatidos com a bomba de vapôr, a qual tambem é um energico resolutivo nos tumôres brancos, e escrofulosos.

Quando, na primavera, reinou o grippe, varias pessoas, que allí fôrão tomar banhos de vapôr, se acharam curadas, com dois ou tres banhos. As pessoas asthmáticas experimentão immediatamente, no banho de vapôr, um alivio indizivel. As tosses catharrosas, e nervosas, cedem com facilidade ao mesmo remedio.

Os bons effeitos dos banhos de vapôr, no rheumatismo agudo, parecem incriveis, segundo a expressão do director do estabelecimento. As observações, por elle recolhidas, attestão que alguns doentes transportando-se allí, apenas poderão ser conduzidos em carruagem ou cadeirinha, e que no fim de dois ou tres banhos, já tem podido vir a pé, de não pequena distancia.

Uma senhora que padecia um rheumatismo geral, entrévada por muito tempo, e deixando, pelo mesmo motivo, de ser regulada, por espaço de dez mezes, allí se restabeleceo, apparecendo a menstruação, por effeito de tres banhos de vapor compostos para esse fim, e repetindo-se-lhe normalmente desde o principio de Abril até hoje.

Sendo o fim de nosso jornal o fazer conhecer tudo quanto fôr de utilidade publica, convidâmos os nossos concidadãos a visitar este philantropico estabelecimento, que tanta honra grangêa ao Sr. Doutor Nilo, seu benemerito instituidor e director intelligentissimo.

F. B.

Arsenico.

LYÃO.

51 O Professor *Dupasquail*, de Lyão, provou agora por numerosas experiencias relatadas em uma memoria offerecida á Academia das Sciencias de Paris, que não só no acido sulphurico se contêm vestigios d'arsenico, senão que o ha, e muito, em varios acidos hydrochloricos do commercio.

Este resultado é de tanto interesse para a chimica, como para a industria, e medicina. Recommendâmo-lo particularmente a quem se ocupar de trabalhos medico-legaes.

R. L.

Cautela contra incendios.

MOSCOW.

52 NÃO tanto para architectos, como para proprietarios, que hajão de edificar ou reedificar prédios urbanos, poderá servir como lembrança o saber, que o novo palacio imperial, que em Moscow se está levantando das ruinas do antigo, destruido ha quatro annos, edificio, em que trabalhão trezentos operarios, e em que só os doirados á sua parte hão de custar uns seis centos mil cruzados, leva todos os tectos de ferro, a fim de ser incombustivel.

R. L.

Balões Aerostaticos.

BOLONHA DE ITALIA.

53 UM dos Sabios do Congresso de Lyão, por nome *Cosmachi*, natural de Bolonha, em Italia, publicou, por meado do preterito Setembro, um opusculo sobre a navegação aérea em balões.

Posto e assentado que a arte da navegação por agua permaneceu longo prazo em infancia, entre as nações mais engenhosas, queixa-se de que a navegação aérea se não haja estudado com toda a attenção que merece, e tem para si que os balões hão de vir a ser muito uteis á geographia, astronomia, e meteorologia. Com o livro, e n'elle explicada, vem uma estampa, que representa um balão feito de uma cabaia muito tapada, e barrada de um verniz, que se não deixa coar, e é elastico. Este globo é todo envolto d'uma rede de cordão de seda branca, que se franze e fecha por debaixo d'elle, e sustenta uma varanda de páo, onde vão 6 aeronautas, e o trem de que hão de mister. No canto direito da varanda ha uma machina pneumatica com 2 tubos, que se mettem pelo balão: no lado esquerdo uma véla com uma especie de leme para a voltar para onde convem, na qual se recebe o vento que ha de dar ao balão um rumo horizontal; e á direita mais uma *balança anemometrica*, para medir a força dos ventos, e indicar-lhes as variações. A' varanda vão amarrados uma escada de corda, uma ancora, e um contrapeso; o contrapeso para quando convier suspender o globo em equilibrio, a ancora para fundear, a escada para descer. O globo é armado de tal industria, que em caso de se esvasar do gaz, e vir de chófre precipitado, toma a feição de *páraquédas*, e como tal serve. Toda esta immensa machina, as 6 pessoas, e o trem, pesão 2,290 arrateis.

M.

Outro Compositor Mechanico.

FRANÇA.

54 DE dois inglezes dissémos no nosso artigo 7, que havião inventado recentemente um engenho para compôr nas typographias, por onde o trabalho de oito horas se reduziria a duas.

Dois annos haverá, que outra semelhante machina pregoaram os jornaes ter-se inventado em Allemanha, segundo a qual, se nos bem lembrâmos, um compositor de meão desembaraço, havia de fazer por dia as suas oito folhas grandes. Agora vem terceira tentativa do mesmo genero, e d'esta vez é franceza.

Na ultima sessão publica da Academia das Sciencias de Paris, declarou um dos socios que *Gaubert* e *Masure* acabavão de inventar um engenho para compôr, pouco mais ou menos parecido com um teclado de piano; só com a differença de que as téclas, em vez de corresponderem ás notas musicas, correspondem a letras: cada uma faz sahir a sua d'um dos *caixotins*, ou escaques, da caixa; as letras por si mesmas se arrumão no componedor, por modo que fica logo a obra terminada. Mas onde mais ainda resahe a sagacidade do invento, é no decompôr a fôrma depois de servida: sacode-se, e os typos de cada letra lá vão juntos de ranchada para sua casa.

Veremos se algum d'estes differentes projectos chega a pegar, o que para os authores, e para o publico em geral, será de grandissima vantagem pela barateza a que descerão os livros, para quem os faz, e para quem os compra. Se nenhum pegar por agora, com bom fundamento podemos esperar que, pois que tantos machinistas julgão a coisa possivel, e a tentão, realmente é possivel, e tem, mais cedo ou mais tarde, de conseguir-se.

R. L.

Um melhoramento para os Prélos.

55 A gomma elastica, mais conhecida entre nós pelo nome vulgar de *borracha*, é de tal maneira serviçal, que todos os dias a accommodão a novos usos, e com vantagem manifesta. Em uma obra franceza moderna, achamos o alvitre, (não sabemos se já expe-

rimentado) de forrar com uma folha de gomma elastica as costas do tympano da prensa typographica.

Assentando a lona, ou panno, sobre esta massa tão flexivel, deve fazer, quando se aperta o prélo, que o typo da fôrma se estrague muito menos, e pinte no papel muito melhor. Valerá a pena de experimentar.

R. L.

Uma prova do nosso adiantamento lithographico.

LISBOA.

56 CONFIRMA-SE plenamente o annuncio que em o nosso artigo 4 haviamos dado. Das prensas do Snr. Manoel Luiz da Costa acaba de sahir perfeitamente executado o retrato em folio de José Agostinho de Macedo, pelo Snr. Aragão, da Academia das Bellas Artes de Lisboa, e artista de grande prestimo.

O novo processo é, em realidade, excellente: torna os desenhos mais brilhantes nos claros e escuros, e firmes as meias tintas: logo que o estampador conheça a *maneira* de cada desenhador, irá cada vez a melhor este methodo, de muita gloria para o seu inventor, o Snr. J. A. da Silva, e de credito para esta nação, onde, por culposo desleixo d'ella mesma, é corrente e moente, o suppôr-se, e repetir-se, que os olhos, mãos, e cabeças, que nascem n'esta latitude e longitude, são stigmatisados pela natureza com chaga de esterilidade; miseria, em bôca d'estrangeiros só miseria, mas em bôca de portuguezes infamia infamissima.

Certos estamos de que este retrato, que já nas principaes lojas de livros se acha á venda, tem de ser mui procurado, porque o sujeito que elle representa, e que pela sua prodigiosa memoria bem mereceu o titulo de 2.º Macedo, e o de primeiro dos primeiros pela sua admiravel fecundidade, facilidade, graça, e muitas vezes elegancia de estilo, foi um dos homens que mais e mais longamente se lograram de fama entre seus conterraneos. Os seus muitos e ponderosissimos defeitos como escriptor, os seus estravios como homem, as suas inconstancias como cidadão, não são coisas assaz poderosas que nos demovão da veneração de que por muitos titulos nos é credor. Podem em vida escurecer-se ou negar-se a justiça e a verdade, mas ambas essas plantas, raras no mundo, ao pé de toda a sepultura se devem com os ciprestes encontrar.

M.

Sepultura de Francisco Manoel do Nascimento.

Respexit tamen, et longo post tempore venit.

PARIS, LISBOA.

57 SEGREDO parece da Providencia, que nenhuma grande gloria mundana seja desacompanhada de descontos tambem grandes. Raro varão, illustrou jamais a terra do seu nascimento, que, se bem lançarmos as contas, a não deixasse, pelo que lhe ella a elle fez, ou pelo que lhe elle fez a ella, deshonrada e envergonhada. Entre os exemplos dos illustres deshonradores passivos de sua patria, avulta, na historia litteraria portugueza dos nossos dias, o nosso FILINTO ELYSIO. O que a Poetica lhe deveu, e mais do que a Poetica, a Liberdade, e muito mais do que a Liberdade, a rica, e fidalga lingua portugueza, todos nós o sabemos. E o como para com elle nos desempenhámos de tamanhas dividas, sabem-no, alem de nós, ainda mal! a França, a Europa, e o Mundo! O seu engenho, que elle só quizera consagrar a engrandecer-nos, em prantear infortunios se consumiu: em vez dos gozos da Liberdade, que nos elle evangelisou, teve as amarguras do desterro para evitar os tormentos do carcere; e a lingua, que tanto amou, por quem tanto fez e perfez, e que, por elle, havia de renascer... que longos dias, e que prolixos annos se lhe não devolvêram, sem a fallar, nem a ouvir! podendo já dizer por si em meio de Paris, o que o Romano desterrado, suspirára entre os gêlos da Scythia

» Barbaro aqui sou eu, que não me entendem!

Sobejo era isto, e não foi bastante. Cevado de penas, de saudades da patria, e de amigos; roubado entre estranhos, depois de roubado entre os naturaes; avergado, e delido de annos, e trabalhos; em um aposento não modesto, senão mesquinho; desamparado de todas as coisas mais amigas de nossa natureza, mais necessarias, e agradaveis, aos que estão de partida; sem ter sequer dois livros para os testar em penhor de affecto a tantos e tão queridos auzentes; sem esperança ao menos de ser chorado em expirando, ou no sepulchro visitado; aquella cançada alma portugueza, sob um céo esquivo e duro, a exhalou! Mãos estranhas, não trémulas, o levâram á cova; olhos estranhos, e enxutos, o viram submergir-se, e desapparecer; vozes não portuguezas, lhe passão, e enxamêão por de cima; dos affectos, e saudades, que por lá de continuo refervem, e se renovão,

nem um suspiro desce a procura-lo. Apoz desterro de larga vida, mais que desterro na morte — ¡ indifferença e esquecimento ! !

Pára aqui ? Ainda aqui não pára. Na sepultura, onde a má estrella de cada um costuma de ter o seu occaso, não o teve a de Filinto. Entre tantos milhares de monumentos de virtudes, de sciencia, de engenho, de amor patrio, de formosura, de riqueza, de vaidade; entre monumentos, em fim, de tudo, e de tudo, a exilada sepultura de Filinto jaz ha tantos annos, ¡ que já se contão 22 ! não só sem uma pédra que a assignale, senão a pique de total perdimento !

Mais nada ? Mais, e mais, e muito mais ! Occorreu emfim a um portuguez como desejo, o que já como pensamento havia a muitos occorrido; dar sequer n'este mundo um túmulo a quem n'elle não tivera uma patria. Propõe o negocio a um sabio tambem portuguez, tambem perseguido, tambem expatriado, amigo e companheiro outr'ora do Poeta; declara-lhe a tenção em que está de levantar á sua custa, elle só, aquelle monumento. O prudente Varão em tão grave materia consultado, louva como sabio, mas como portuguez reprova a determinação. » As dividas da Patria, lhe diz, ninguem senão a Patria as pode pagar. Filinto sem mausoléo é uma affronta, mas não irreparavel; o mausoléo de Filinto edificado por um só homem é uma affronta irreparavel para toda uma nação. Fazei mais, e melhor, do que abrir a vossa bôlsa; ide por entre o povo portuguez pedir uma esmola para Filinto ! ! » E aquella generosa bolsa generosamente se fechou; aquella mão, que ía alçar um padrão á sua propria fama, se estendeu a mendigar; e (Deos louvado, que ainda de patrio amor não estamos tão exhaustos como de oiro !) acudiu-se ao pregão da esmola, prefez-se a somma, ha de erigir-se o monumento. Mas onde ? (Eis-aqui o aggravo, que do meio do desaggravo se reproduz e se perpetúa) longe da Patria, e na propria terra do desterro. Mãos francezas arrancarão e talharão a pédra; mãos francezas a assentarão; passeadores francezes passarão por ahi sem na olhar, ou sem na entender: nenhum dos para quem elle só viveu, e viveu todo; nenhum dos entre quem desejou existir, acabar, e jazer, poderá ir sentar-se com o livro das suas obras na mão, junto da sua Urna, a aprender constancia contra infortunios, generosidade contra ingratidões, e incontrastavel afferro á boa terra do nascimento !

Para nós temos que é este um objecto merecedor das attenções de um Governo. O Ministro dos Negocios Estrangeiros não póde ser indifferente para o que toca em interesses de sabios: os fóros de um dos mais soberanos mestres da Lingua portugueza a ninguem mais incumbe zela-los, do que a elle; nós esperâmos, e com toda a confiança o esperâmos, que a sua penna, agora em quanto é tempo, se apresse de escrever um requerimento, tão digno d'ella; uma reivindicação que o Throno de um Povo tão amante e zelador da gloria, como é o francez, não deixará de despachar graciosamente. Venha Filinto dormir emfim o seu derradeiro somno aqui, onde o conhecem, e o amão; sob o céo abençoado, e risonho do seu Portugal; entre a numerosa e devota familia de seus admiradores. O seu túmulo, que lá lhe seria apenas uma pédra, aqui lhe será mais do que mausoléo; ser-lhe-ha palacio, ser-lhe-ha piramide, ser-lhe-ha templo ! ! !

A. F. de C.

P. S. Do que mais passar n'este negocio, em que nos fica posta, mui anciosa, a attenção, daremos conta; e esperamos em Deos, que não será para mais descredito dos Portuguezes.

Curso Publico e Gratuito da Historia da Civilisação antiga.

LISBOA.

58 Chamamos a attenção de nossos leitores para a importante materia d'este artigo. O Joven Professor, o Snr. Luiz Augusto Rebello da Silva, digno filho, e digno discipulo, de um dos nossos sabios mais recommendaveis, promette pelo seu programma, que abaixo transcrevemos, coisas grandes, mas não superiores ao seu engenho, philosophia, e estudo. Presumimos, e com bons fundamentos, que os melhores espiritos se presarão de ser seus ouvintes, e se gratularão de o haverem sido. Louvores a esta porção da Mocidade portugueza, que assim dá publico e irrefragavel documento de sua virtude, um exemplo de amor patrio tão nobre e tão necessario, e uma lição a vélhos avarentos de seu saber, e estereis por egoismo.

A materia das prelecções será dividida em sete pontos principaes, que se hão de tractar em doze Lições Semanaes.

1.º Considerações geraes sobre a civilisação antiga, sua differença da actual, e seu caracter distinctivo. Esboço philosophico e critico das duas idades primitivas—fabulosa, e Heroica — desde o Diluvio Universal. Re-

flexões philologicas sobre a origem da Mythologia e da Fabula. 2.º Origem da religião dos Povos primitivos nas idades, fabulosa e heroica. Primeiros vinculos sociaes. Fundação dos governos. Estado das Artes, Sciencias, e Industria d'aquelles Póvos. 3.º Quadro critico e philosophico das causas da grandeza, e decadencia dos Imperios, dos Egypcios, Assyrios, Médas, e Persas. 4.º Considerações sobre as Republicas de Athenas e Esparta. Comparação dos dois sistemas governativos. Reflexões Politicas sobre as virtudes e vicios sociaes desses povos até ao reinado de Philippe de Macedonia. Estado das artes, sciencias, e industria, e sua influencia na organisação politica da Grecia. 5.º Decadencia da Grecia. Considerações sobre a tribuna Grega. Guerra contra Alexandre Magno. Guerra dos Persas. Queda do Imperio dos Persas. Esboço do estado politico e litterario das Republicas Gregas até á entrada dos Romanos na Grecia chamados como auxiliares pela liga da Achaia. 6.º Fundação de Roma. Reinado de Numa. Ruina do poder monarquico. Republica Aristocratica. Guerra de Pyrrho. Guerra Punica. Reflexões philosophicas e politicas sobre Carthago, e sua influencia no destino de Roma. Divisões internas, lucta entre o povo e o senado, ou entre patricios e tribunos da plebe desde os primeiros tempos da Republica. Tyrania de Scylla. Guerra civil entre Pompeo e Cesar. Dictadura Perpetua. Imperio d'Augusto. 7.º Vinda de Christo. Fundamentos da nova civilisação. Reflexões sobre as causas de decadencia e ruina do Imperio Romano. Applicações das doutrinas antecedentes ao sistema geral da Civilisação Antiga.

O local das prelecções é nas casas da Sociedade Philomatica, Rua de Santa Martha n.º 23; os dias, um sabado sim, outro não; a hora das 7 e meia ás 8 da noite: a primeira prelecção será no sabbado d'esta semana, 16 do corrente.

M.

Congresso dos Sabios.

LYÃO DE FRANÇA.

5º Por não deixarmos de todo balda a insoffrida curiosidade dos estudiosos, respeito ao que no Congresso de Sabios em Lyão se passaria, algum desempenho vamos dar aos promettimentos dos nossos artigos 18 e 40.

De tres questões nos consta, que entre mil outras, e com mestria summa, se ventilaram; aventadas todas tres por *Arlès Dufourt*, membro do Conselho Geral das fabricas, sujeito por talento, sciencia, e mais partes, illustrissimo.

1.ª No abolirem-se pela Revolução as corporações e juizes dos officios, e as cartas de mestre, desempachou-se o commercio e industria d'uns institutos, que em seu principio haviam sido bons; mas que por se não terem depois ido moldando com as novas necessidades, se achavam já por ultimo servindo de verdadeiras rémoras ao adiantamento.

A Revolução não encarou em coisas taes, ainda mal! se não o damninho; e o proveitoso não curou de o manter, ou supprir.

Havia de se fazer uma *evolução* e não se fez senão uma revolução. Saltou-se logo de pólo a pólo; do privilegio paralisador para a anarchia queimadora e consumidora das forças. Hoje em dia as maximas egoistas e anarchicas, *cada qual no que é seu — cada um para si — deixai fazer quem faz — deixai ir quem vai* — estão sendo a lei dos cidadãos e a lei do estado; e pelo que demostrão, ainda para os productores e consumidores, hão de vir a ser peores do que já o fôra o sistema velho e restrictivo.

Ora de que arte, sem lesar as regras da liberdade e igualdade, se poderão restituir jerarchia e policia á industria e commercio? Em summa, como é que se ha de conciliar com a liberdade a boa ordenança?

2.ª Donos e operarios são actualmente dois bandos adversos; os donos a queixar-se dos operarios e a teme-los; os operarios a amesquinhar-se dos donos, e a inveja-los.

Que é mister fazer para os conchegar, e associar uns com outros?

Como se alcançará que o operario participe dos lucros do dono, em modo que lhe deseje fortunas, e lh'as abençõe?

3.ª São as machinas predestinadas a levantar nos trabalhos revoluções, ou mais propriamente, a transforma-los, despenando o homem de quanto n'elles ha de maior materialidade e bruteza. Providenciaes são logo as machinas, e deve portanto o operario abendiçoa las: ao revez porém, hoje em dia as amaldiçoa, porque tendo vindo a subitas usurpar-lhe o logar, sem nenhuma compensação, o defraudão do pão, a elle e á sua familia indispensavel.

Ora como se ha de fazer que o operario se congratule com as machinas?

Ainda outra questão levantára o mesmo philosopho que por falta de tempo se não debateu. A saber: a inferioridade do salario das mulheres leva as môças plebéas da miseria á dissolução, e ao mesmo tempo damna

aos operarios, porque pela maior barateza do serviço d'ellas lhes fica para elles cada vez menos que fazer.

Já que o governo de França cura solicitamente do trabalho das crianças, não poderia tambem curar do trabalho das mulheres? Não conviria requerer-se-lhe que (exemplo granplo grande fôra esse para o mundo) onde quer que o serviço d'ellas fosse ao d'elles igual, igual fosse tambem ao d'elles o salario d'ellas?

No trabalho fisico, intellectual, e moral, como se ha de haver igualdade de retribuição havendo igualdade de prestimo?

Desbarate de papel se representará isto a espiritos acanhados; mas são questões fundas, por onde muito convem, que os animos se metão e girem. Os que não têem por massiço e proveitoso, senão o pão, a carne, e o vinho, o vestido, o calçado, e a cama, hão de saber, que onde se legisla, e tem de legislar, as théses de philosophia são muitas vezes sementes tão preciosas como as dos proprios alimentos, e que assim como de gazes e fluidos impalpaveis e subtilissimos se fazem nas officinas da mestra natureza as arvores e as sélvas, as fontes, os rios e os mares, assim de proposições, que ao principio não passavão de especulativas se forma, e encorpa a ordem social com todos os commodos que n'ella ha.

Primeiro que de Lyão se dispartissem os illustres vogaes d'aquelle Congresso determinaram que em Strasburgo se houvesse de celebrar a decima sessão em 1842. Houve quem propozesse que a undecima fosse em Bordeos.

A. M. de C.

Missão litteraria.

FRANÇA.

60 IMPORTANTE e grande é a noticia que abaixo vamos transcrever, e da sua utilidade julgará quem bem a ponderar, e lhe pesar os resultados. De França nos annuncião que Melchior Tiran, Membro da Real Sociedade de Antiquarios d'aquelle reino, acaba de partir para Hespanha, encarregado pelos ministerios do Interior, Guerra e Instrucção publica, de *colligir na Peninsula* as obras impressas, e manuscriptas, que forem uteis para os ditos ministerios.

Graças aos estranhos, chegar-nos-ha á nossa vez de termos — ainda que rebentada em terra alheia — uma fonte de instrucção, vulgarisada, e accommodada, em que se possa beber limpamente, sem gastar a maior parte do tempo ou em buscar exemplares para ler, ou em estremar os necessarios dos inuteis, os insulsos dos proveitosos. Se os que têem a seu cargo a instrucção publica em Portugal assim se desvelassem em promove-la, os resultados serião igualmente vantajosos para a educação e para a politica; lucraria o povo e lucrarião os que o dirigem. As reformas não devem de ser só no dinheiro; tambem devem de ser na intelligencia: reformem-se as cabeças como se reformam as algibeiras — e Deos sabe o que é mais necessario.

Ficaremos nós ociosos quando lá de fóra nos dão taes exemplos.

S. L. J.

Jornalismo comparativo de Portugal e Hespanha.

61 BADAJOZ — Grito de Setembro, Liberal. » *Barcelona* — Diario de Barcelona, Guarda Nacional, Constitucional. » *Bilbáo* — Vascongado » *Cadiz* — Nacional, Globo. » *Cordova* — Andaluz. » *Corunha* — Noticiador, Boletim de noticias. » *Gerona* — Postilhão, Consequente. » *Granada* — Alambre. » *Madrid* — Gazetta, Ecco do commercio, Correio Nacional, Correspondente, Constituição, Castelhano, Furacão, Catholico, Frei Gerundio, Gazetta dos Tribunaes, Diario de avisos, Semanal, Semanario de Medicina, Panorama, Elegante, Boletim de Medicina, Semanario Pitoresco, Entr'acto, Pensamento, Iris, Archivo Militar, Grito do Exercito, Revista de Madrid, Caranguejo, Chicote. » *Malaga* — Ecco do Meio Dia, Chronica. » *Palma* — Diario Constitucional, Palma, Genio da Liberdade. » *S. Sebastião* — Liberal Guipuscoano. » *Santa Cruz de Tenerife* — Folhetim de noticias politicas, Daguerreotypo. » *Santander* — Vigilante Cantabro. » *Saragoça* — Diario Constitucional, Aurora, Ecco de Aragão. » *Sevilha* — Diario de Commercio, Artes e Literattura, Sevilhano, Revista Andaluza. » *Valença* — Diario Mercantil, Tribuna, Boletim Encyclopedico. » *Galiza* — Revista de Galiza. »

Ao todo são 52 periodicos, 31 dos quaes politicos.

Apresentaremos agora a lista dos jornaes portuguezes.

Lisboa — Diario do Governo, Nacional, Correio de Lisboa, Periodico dos Pobres, Portugal Velho, Constitucional, Dez Réis, Revolução de Setembro, Panorama, Archivo Popular, Mosaico, Recreio, Ramalhete, Muzeo Pitoresco, Universo Pitoresco, Abe-

lha, Bibliotheca Familiar e recreativa, Jornal das Sciencias Medicas, Jornal da Sociedade Pharmaceutica, Annaes de Marinha, Gazeta dos Tribunaes, Archivo Theatral, Correio das Damas, Folha Commercial, Gratis, Revista Universal. » *Porto* — Athleta, Periodico dos Pobres, Revista Litteraria, Noticiador, Gratis. » *Coimbra* — Antiquario Conimbricense, Chronica Litteraria. » *Madeira* — Defensor. » *S. Miguel* — Monitor. » *Angra* — Angrense. »

Ao todo 36 Periodicos.

Ora como a população da Hespanha é 5 vezes maior que a de Portugal, segue-se que temos, proporcionalmente, quasi o quadruplo de Jornaes.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Obras dramaticas de A. M. de S. Lobo.

Offerecemos ao publico o prospecto do Auctor.

62 Um Pai, depois que por sua desgraça é Pai, não tem outras consolações, que de seus filhos não venham, e das cousas d'esses filhos que Deos lhe deu. Todo seu orgulho é vêl-os formosos e bem trajados; todo seu prazer é vêl-os instruidos, amados, e acarinhados das pessoas respeitaveis com quem vivem. E para isso que ha mister? E' mandal-os por esse mundo ganhar relações e credito, se por sua capacidade o merecerem. E se não... deixem-se morrer a qualquer canto, que o Pai os renega e amaldiçoa.

Ahi vam pois tres Dramas, filhos meus muito queridos, tentar sua primeira viagem. Deos lhe dê boa estrêa em tão perigoso trance. Não irão juntos para se não perderem ao mesmo tempo. Sahirá primeiro o mais velho, o meu Morgado, que, segundo o costume, não me parece o melhor de todos. Chama-se *Emparedado*. Irá acompanhado d'um prefacio, e d'algumas notas e variantes. Os outros são a *Cigana* e a *Moura*. Tenho por estes ultimos mais predilecção, que vieram depois, e custaram-me menos fadigas. Tambem hão de levar atavios como o Primogenito. O Publico porém é que ha de decidir da sorte desta progenie toda.

Nos mais Paizes da Europa, em todos, póde-se dizer afoutamente, adianta o Pai as despezas da viagem, que tem certo havel-as depois e com usura. Entre nós, neste innocente e bom Portugal, que não aprecia letras nem litteratura, e que só lê, se lê, algumas gazetas politicas, não ha que fiar, e é prudente consultar primeiro a tenção dos protectores. O meio de os consultar é abrir a urna das Subscripções. Ei-la ahi aberta para quem quizer honrar-me com a sua assignatura. Pessimo e vergonhoso meio, mas unico desgraçadamente para quem não quer despender sua fazenda na acquisição do pomposo nome de = *Autor edito.* =

As condições da assignatura são as seguintes:

Os tres Dramas referidos sahirão em tres series, contendo cada serie um dos Dramas completo. Formato, papel e typo será em todos tres identico e formará um volume em 8.º francez elegante. — Cada serie custa 240 réis que serão recebidos ao passo que se entregar a obra.

Promette-se uma edição aceada segundo as possibilidades de nossas typographias.

Chronica do Descobrimento e conquista de Guiné

Por Gomes Eannes d'Azurara, Paris, 1 vol. 1841. Edição nitida.

63 Esta interessante obra, pouco ha inédita, e quasi perdida, é já hoje vulgar pelas estantes dos litteratos eruditos, que dentro em pouco deixarão exhausta a edição: julgâmos todavia que ainda para alguem virá a tempo o nosso artigo á cerca da publicação de um manuscripto, que soube, por quasi quatro seculos, esquivar-se da imprensa, e até, o que mais é, das exactas e rigorosas pesquizas do *Bibliographo, do Bibliophilo, e do Bibliomaniaco.* Desditado fôra tambem a este respeito o Snr. Visconde de Santarem, pois tendo-se ido a Paris de proposito para examinar nas livrarias d'aquella cidade varios manuscriptos portuguezes, ou respectivos a Portugal, do que veio dando conta em um catálogo que a nossa Academia publicou em 1827 » *não teve a fortuna* (são expressões de S. Exc.ª) *de descobrir este, por se achar classificado entre os supplementos francezes,* » que não sabemos porque impedimento o Snr. Visconde deixou de examinar tambem. Parece-nos pois que deve de ser desejada a historia do descobrimento d'este requestado *El Dorado*, rico para a historia geografica, riquissimo para Portugal, e de tanta gloria para o primeiro principe navegador, o Infante D. Henrique. Esboçal-a-hemos pois com tanta satisfação quanta já fôra a diligencia que pozemos no fazer propagar a noticia da existencia do manuscripto, apenas por um venturoso acerto houvemos d'elle conhecimento.

Fòra o caso. O Snr. Ferdinand Denis (bom entendedor em litteratura portugueza) lidando na Bibliotheca Real de Paris, encontrou, haverá tres ou quatro annos, com o manuscripto, e tanta importancia lhe reconheceu, que publicando em 1839 dois volumes de chronicas, romances, e miscellaneas da Historia de Hespanha e Portugal, aproveitou tambem um trêcho d'este manuscripto (o cap. 45.), e em uma nota o denunciou ao publico, que lê geralmente com prazer as obras do Snr. Denis. Veio logo a obra d'este litterato a Portugal; e de dois unicos exemplares, que por então cá chegaram, nos coube um. Apreciámos a noticia do achado e a fomos espalhando: comunicámo-la ao Snr. Secretario da Academia, o qual se resolveu a pedir logo informações mais circunstanciadas de Paris por via do Snr. Visconde da Carreira. Para generalisar ainda mais a noticia, a annunciámos em um dos jornaes litterarios da capital, n'um artigo supplementar de outro, que ácerca do *Azurara* havia antes escripto o Snr. Alexandre Herculano, e até para esse artigo de annuncio nos soccorremos, em boa parte, ás expressões do Snr. Denis. Em nossa mão tinhamos já a prova typographica do dito artigo, quando o Snr. Secretario Macedo nos mostrou uma carta do Snr. Visconde da Carreira, declarando que nem elle nem o Snr. Visconde de Santarem, a quem elle consultára, sabiam coisa alguma a respeito de tal chronica. Replicámos, e entregámos a prova que tinhamos nas mãos. Foi remettida para Paris. Contou-nos depois o Snr. Macedo como emfim se desencantára o manuscripto, e a instancias suas se ficava copiando, não sabemos se para a Academia.

D'ahi a algumas semanas vimos os prospectos, e soubemos como se offerecêra o Sr. Aillaud a correr com as despezas da impressão, que em Paris se ía fazer. Eis-aqui toda a historia.

Em resumo: O Snr. Denis deu com o manuscripto, e denunciou-o; alguem em Portugal fez correr a noticia; o Snr. Macedo promoveu a copia; o Snr. Visconde da Carreira concluio-a com permissão do Governo Franzez; o Snr. Aillaud publicou-a, em um volume de algumas quinhentas paginas; o Snr. Visconde de Santarem ornou-a de varias notas, e prepoz-lhe sua introducção, na qual nem todas as circunstancias, que deixâmos escriptas, se mencionaram.

Quanto ás notas quizeramos que antes viessem juntas no couce do volume do que semeadas pelas paginas, como vem, não só por que com taes intercalações é a leitura mui distrahida (particularmente quando a nota é mais recheada de erudição), e ás vezes preoccupada pelo juizo alheio, mas tambem porque me obras d'outros seculos a que se ha de guardar uma especie de acatamento, desacato nos parece o mescla-las com linguagem moderna, que nem sempre sahirá da mais apurada.

Se pomos aqui este tanto ou quanto de leve censura é porque assim com ella acudimos a nos defender de outra que o mesmo Snr. Visconde nos fizera, por não termos adoptado este seu sistema de annotar os livros antigos, preferindo-lhe o de cerrar as obras com as annotações, que se não é tão commodo, é mais rasoavel, e para o author commentado mais respeitoso.

Não passará sem menção que foi o Snr. Roquete quem reviu as provas, parte interessante n'uma edição d'estas; e que álem d'isto o mesmo Snr. ordenou um glossario dos vocábulos obsoletos, ou menos usados, que se achão no texto.

Eis ahi o ultimo periodo da chronica d'esta *Chronica*, já hoje pertencente ao publico, e que está sendo devidamente apreciada dos entendedores, que, no gratificarem ao editor, lhe darão estimulo para sahir cedo com a impressão, que tenciona, do *Leal Conselheiro*. A nós cabe recebermos-lhe as boas obras, aliás mal nos poderemos queixar, quando em vez d'ellas, só nos mande burundangas e pobres traducções do francez. De mais, a edição é na verdade uma das que dão bom credito da moderna typographia; alem dos exemplares de menor formato (que já tem bom papel, e o retrato do *Infante*, que está no codice lithographado, com a devisa = *Talent de bien faire* = por baixo, e vestido de dó), tiraram-se outros de margens mais largas, a que se ajuntou o retrato colorido, como se acha no original: d'estes se imprimiram quatro em excellente pergaminho.

Precedem á obra quatro paginas de *fac-simile* de letra, onde poucas erratas encontrâmos.

A obra comprehende desde os primeiros descobrimentos do Infante até o anno de 1448, e foi escripta, ou antes acabada de trasladar, na Livraria d'Elrei D. Affonso 5.°, em Fevereiro de 1453; e parece ter sido este codice o mesmo que Fr. Luiz de Souza diz que vira em Valença d'Aragão.

Que diremos agora do estilo do Author? Nada, porque é o mesmo estilo de Gomes Eanes de Azurara no que já corria impresso, e já está por melhores juizes sentenciado. Alguma ostentação de erudições, um expressar affectado e vanglorioso, caracterisão sempre

o bom do Azurara. No emtanto capitulos ha n'esta obra, cujo estilo, prenhe de imagens e certa poesia melancholica e cheia de uncção, agradão ao leitor e amenizão a leitura, por todos os motivos digna de recommendação.

F. A. de V.

Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d'Africa Occidental, para servir de illustração á Chronica da Conquista de Guiné por Azurara, pelo Visconde de Santarem — Paris 1841, 1 vol. 8.º francez. —

64 Tal é o titulo de uma publicação recente que seu author promette dará tambem na lingua franceza. Bom seria que se generalisasse por lá, para que de todo se persuadão os senhores francezes de que são sonhados todos os seus planos e idéas de prioridades em descobrimentos a respeito dos portuguezes. Desejáramos porém que a edição portugueza se não houvesse feito como por monopolio, e sem se exporem á venda meia duzia de exemplares sequer. Bem sabemos que ao povo portuguez não é preciso convencêl-o de que os seus antepassados descobriram Guinés; mas é elle que gosta de saborear os feitos dos seus antepassados, e admirar tantas proezas.

Conviria por ventura porém em nossa opinião que na memoria em francez houvesse menos erudição, mas mais força de dialectica, pois os argumentos e razões podem gravar melhor no espirito a evidencia do que demasiada erudição que o chega a distrahir.

A memoria foi mandada distribuir pelo Governo aos Senadores e Deputados, e remettida para varios estabelecimentos publicos. Não ha obter hoje um exemplar d'ella: para a comprar não se vende; para a receber gratis era preciso ser do pequeno numero dos comprehendidos no privilegio. —

Honra seja por esta publicação ao nobre portuguez que no exilio não tem deixado de honrar as letras e a patria que o estima.

***

Diccionario de Marinha.

65 Com este titulo acaba de imprimir o Snr. João Pedro d'Amorim um volume de 320 paginas em 8.º, que dedica aos Officiaes da Armada Nacional. E' este um valioso presente, digno por certo do reconhecimento da classe a quem é feito, pois com quanto Pedro de Mariz, em 1768, publicasse um diccionario francez e portuguez de todas as peças que entrão na construcção dos navios, incompleto era elle, e algumas vezes inexacto — e pode dizer-se que foi o Snr Amorim o primeiro que apresentou um trabalho, senão absoluto, ao menos *quasi* perfeito, sobre tal materia.

São tantos os termos technicos na construcção e apparelho dos navios, que bem necessario se tornava que um habil maritimo, como o Snr. Amorim, se desse ao trabalho de aplanar o caminho aos que se consagrão á mesma carreira, apresentando-lhes definições claras e exactas de taes vocabulos. Esperamos que a Sociedade Maritima, reconhecendo o eminente serviço feito pelo Snr. Amorim a tão nobre corporação, lhe manifeste o apreço em que o tem.

Consta-nos que o Snr. Feliciano Antonio Marques Pereira, digno Official da marinha portugueza, emprehendeu tambem um trabalho analogo, e é de crer que de algum proveito lhe seja o livro do Snr. Amorim.

Uma cousa não passará sem especial louvor no Diccionario de Marinha que hoje annunciâmos, e vem a ser a rara modestia com que o author denuncia por insufficiente uma obra a que nenhum dos seus leitores, segundo presumimos, pode pêr, ao menos por agora, semelhante tacha.

66 *Romanceiro Portuguez, ou collecção dos romances de historia portugueza*, compostos por Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M., Commendador de Santa Marinha de Lisboa, da Ordem de Christo, Morgado de Bobeda.

Se é do Evangelho que pelos fructos se conhece a arvore, do Evangelho é tambem que pela arvore se conhecem os fructos. Tão conhecido é o Snr. Pizarro, que o annunciar uma obra sua é já dizer o que ella seja. O que porem necessita menção particular é o primor da execução material. Nada poupou o Snr. Mengo, editor d'este livro para o tornar digno de entrar em uma lustrosa bibliotheca de Senhoras; bom typo, excellente papel, lithographias, e o retrato do Author, pelo Snr. Santa Barbara, artista portuguez que muito começa n'este genero a sobresahir. Nenhum dos nossos bons poetas que hoje florecem teve ainda, como o Snr. Pizarro, a fortuna de cahir em tão boas mãos.

Bibliographia Grega.

67 Estão-se a traduzir agora em Athenas, em grego moderno, as obras de Goêthe e de Schiller.

Erros que importa emendar no passado numero.

Pagina 17, columna 1.ª, linha 36, em logar de — 36 — lêa-se — 17.

Pagina 23, columna 1.ª, — as palavras — Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné — apaguem-se.

Pagina 23, columna 1.ª, linha 37, em logar de — e ricas — lêa-se, as ricas.

Pagina 24, columna 1.ª, linha 41, em logar de — a estar de estremados — lêa-se, de estar est.emados.

TYPOGRAFIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.º 19.